



Coleção de selos dos CTT
"Vultos da História e da Cultura"

LEMBRANÇAS DE LUÍS DE ALBUQUERQUE

NATÁLIA BEBIANO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
bebiano@mat.uc.pt

Conversa sobre Luís de Albuquerque com Onésimo Teotónio de Almeida, conduzida por Natália Bebiano.

Onésimo Teotónio de Almeida é Professor Catedrático de Estudos Portugueses e Brasileiros na Brown University, Providence, EUA. Tem obra relevante como escritor, filósofo e académico e é figura incontornável da cultura portuguesa.

O impacto do papel de Portugal nesse processo da revolução científica é ainda hoje complicado de discernir. Não tenho dúvidas de que se desenvolveu uma mentalidade empírica, e digamos mesmo científica, em Portugal, entre um punhado de cérebros que geriam os conhecimentos científicos e supervisionavam a construção naval e a criação de instrumentos cada vez mais adequados às necessidades manifestadas pelos marinheiros nas suas viagens.

Privou com Luís de Albuquerque? Onde e quando?

Conheci o Professor Luís de Albuquerque através da bióloga Maria de Sousa. Num colóquio na Universidade da Flórida em Gainesville, em 1980, eu tinha apresentado uma comunicação sobre a ciência em Portugal no tempo dos Descobrimentos, e tinha dado uma cópia a Maria de Sousa. Ela falou desse texto a Luís de Albuquerque, que o leu e subsequentemente me convidou a apresentá-lo no congresso sobre a ciência em Portugal por ele organizado na Academia das Ciências, em 1985. Esse congresso teve duas partes. A primeira cobriu os séculos XVI a XIX. A segunda realizou-se em 1989 e cobriu o século XX. Participei também nesta última. As atas foram publicadas pela Academia das Ciências em dois volumes: História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal (Sécs. XVI-XIX), em 1987, e (Séc. XX), em 1992.

Nesses anos, encontrámo-nos várias vezes. O Prof. Albuquerque era de uma extraordinária simpatia e insistia sempre comigo para que o procurasse aquando das minhas passagens por Lisboa. Eu ia ter com ele à Academia e

íamos almoçar a um modestíssimo restaurante, onde, por sinal, se comia muito bem. Lembro-me ainda do preço por refeição: 15 escudos.

Luís de Albuquerque pelava-se por uma boa piada e eu levava-lhe muitas dos EUA. Ele apreciava deveras a novidade desse humor. Gostava particularmente de anedotas e piadas que tivessem a ver com as ciências e a matemática. Lembro-me de três que lhe contei em momentos diferentes, das descontraídas gargalhadas que lhe provocaram, e de, tempos depois, ele me dizer que as usava quando tinha de fazer palestras aqui e ali.

A de que ele mais gostava era uma que corria na altura em que tinha havido vários incidentes de bombas em aviões (e esta tenho a certeza de lhe ter enviado dos EUA num postal ilustrado, o *e-mail* desse tempo):

Um homem muito receoso de andar de avião por causa dessa epidemia das bombas, foi ter com um especialista em estatística e perguntou:

— Qual é hoje a probabilidade de um avião voar com uma bomba lá dentro?

— Não é muito elevada, mas está longe de ser despienda.

— E qual é a probabilidade de irem duas bombas num avião?

— Ah, bom. Aí é mínima. Tende para zero.

Dali por diante, o homem passou a viajar sempre com uma bomba na mala.

Outra que lhe contei, e ele repetia:

Um homem leu a seguinte notícia: Estudos recentes demonstram que 80% dos acidentes ocorrem num raio de 20 km de sua casa.

O homem não hesitou. Mudou-se de imediato para uma cidade que ficava a 100 km.

Só mais esta que o fez rir imenso e que ele também gostava de recontar:

Um matemático divorciado e com um filho à sua conta foi consultar um psicólogo pois estava convencido de a criança ser autista. O psicólogo quis fazer testes e achou o garoto normalíssimo. Ao reunir-se de novo com o pai para lhe transmitir os resultados, o matemático insistiu na incapacidade de conseguir fazer o filho falar.

O psicólogo perguntou-lhe então se ele, por exemplo, lhe contava histórias ao deitar. O matemático admitiu que nunca o fizera. Era um homem de números e não de palavras. O psicólogo convenceu-o a experimentar, mas ele reagiu: “Não sei estórias, muito menos de crianças”.



Onésimo Teotónio de Almeida

O psicólogo admoestou-o. Que isso não era razão. Ele poderia muito bem comprar livros e decorar umas quantas.

O matemático aceitou experimentar. Adquiriu livros e, certa manhã, ao deixar o filho na escola, prometeu que, à noite ao deitar, lhe contaria estórias.

Dito e feito. Em casa à noite, o miúdo correu para a cama e esperou pelo pai. Quando ele chegou, começou então a primeira estória:

- Era uma vez três porquinhos. Vamos chamar-lhes P1, P2 e P3...

Havia muitas estórias com que nos divertíamos, por causa de uma outra, essa autêntica, a da Pedra de Dighton.

Quer contar algumas?

É um caso que merecia ser contado, mas ocuparia muito espaço. Em tempos, estive para escrever um livro sobre ele. É por causa da existência, num rio em Massachusetts, de uma famosa pedra onde há inscrições nas quais há quem veja provas da chegada dos portugueses, antes de Colombo, ao continente americano. Um já falecido médico

português emigrado para os EUA, Manuel Luciano da Silva, tornou-se fanático defensor dessa tese. Luís de Albuquerque opôs-se-lhe e M. L. da Silva atirou-se ferozmente a ele, como aliás fez a mim. Mas L. de Albuquerque era o Presidente da Comissão Científica da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos (CNPCD) e conversámos várias vezes sobre o assunto, porque o médico queria erguer um monumento a Miguel Côrte-Real, o suposto descobridor da América, e L. A. embargou-o, já que era a CNPCD que iria financiá-lo. Acabou-se por, numa situação de compromisso, se optar por um monumento abstrato aos navegadores portugueses, que foi depois inaugurado em Newport, Rhode Island. O médico-historiador (seria melhor dizer “estoriador”) ficou furioso e não perdoou nem a Luís de Albuquerque nem a mim. Após a morte de L. A., ele publicou um ataque verrinoso, chamando-lhe ladrão e declarando-o no Inferno. Não é necessário ser-se pessoa de muito bom senso para se ler aquilo e pasmar. A carta está publicada no *Portuguese Times*, de New Bedford, Massachusetts. O diretor telefonou-me a perguntar se eu achava correto publicá-la. Respon-di-lhe que, se ele o não fizesse, o estoriador iria acusá-lo de censura. Se a publicasse, quem ficaria mal seria o próprio autor da carta. E se Luís de Albuquerque a lesse, ter-se-ia divertido à grande, pois tinha calibre e humor para reagir desse modo à tolice exacerbada.

Passando a outro assunto: que influência tivemos nós, portugueses, na gestação da revolução científica que se desenvolveria subsequentemente às Descobertas?

O impacto do papel de Portugal nesse processo da revolução científica é ainda hoje complicado de discernir. Não tenho dúvidas de que se desenvolveu uma mentalidade empírica, e digamos mesmo científica, em Portugal, entre um punhado de cérebros que geriam os conhecimentos científicos e supervisionavam a construção naval e a criação de instrumentos cada vez mais adequados às necessidades manifestadas pelos marinheiros nas suas viagens. Essa mentalidade surgiu e ganhou terreno num pequeno mas importante núcleo de homens ligados às viagens transatlânticas. Temos dados, embora insuficientes, sobre muito do impacto no desenvolvimento da mentalidade científica que conduziu à primeira revolução científica. É preciso aprofundarmos o que sabemos sobre a transmissão desses conhecimentos e avanços ocorridos em Portugal. Aos poucos, isso tem vindo a acontecer, no entanto é importante obter mais dados concretos.

Em que medida o nosso papel, enquanto motores de conhecimento novo, é reconhecido internacionalmente? Ou a literatura científica, de certo modo, ignora-nos?

Quase ninguém sabe dele. Nos últimos tempos têm surgido algumas vozes a chamarem a atenção para o que ocorreu em Portugal nesse domínio da ciência mas, excetuados uns poucos casos, o desconhecimento é quase total. Lembro nomes como Reyer Hooykaas e W. G. L. Randles, Ursula Lamb, Patricia Seed, Wilcomb Washburn, quase todos falecidos. Mas as grandes narrativas da história da ciência não mencionam o contributo português. Continuam a surgir livros sobre os primórdios da ciência moderna que não refletem a menor consciência do que se passou em Portugal nem do carácter cientificamente inovador que constitui a nossa expansão transoceânica. Vou lendo e anotando falhas. Precisavam de umas instruçõeszinhas que até poderiam ser dadas por alunos meus do primeiro ano que leram em tradução autores portugueses do século XVI no contexto europeu da época e ficaram bastante impressionados.

Luís de Albuquerque é um vulto maior da ciência náutica dos sécs. XV e XVI? Em que é que foi realmente inovador?

Sim, sem dúvida. Foi inovador porque chamou a atenção para o facto de ser impossível um empreendimento como o das viagens portuguesas ter ocorrido sem haver um núcleo de cérebros com preocupações científicas a orquestrarem-no. Luís de Albuquerque tinha um verdadeiro espírito científico e cedo começou a interessar-se pela história das matemáticas em Portugal. Pôs-se a ler os documentos portugueses do tempo dos Descobrimentos e apercebeu-se da sua enorme riqueza, bem como da inovação que eles constituíram ao tempo do seu aparecimento. Os historiadores portugueses seus contemporâneos não tinham preparação na área das ciências, daí negligenciarem a dimensão científica e matemática dos Descobrimentos e se interessarem mais pela sua dimensão político-económica. A exceção terá sido J. S. Silva Dias, que em *A Política Cultural da Época de D. João III* deu muita atenção ao surgimento da nova mentalidade científica.

A divulgação da sua obra nesta área, por enquanto só publicada em português, contribuiria para o firmar mais na cena internacional? Ou até para eventualmente modificar a historiografia tradicional que tão pouca importância nos concede?

Estou convencido de que sim. A sua obra é vasta e está muito dispersa. Claro que alguma é de mera divulgação,

mas há uma quantidade substancial que merecia ser recolhida e republicada. Francisco Contente Domingues, que foi seu discípulo, fez uma recolha da bibliografia no livro *Luís de Albuquerque Historiador e Matemático* (1998), e ela é extensíssima. Esse livro é hoje uma raridade. Deveria ser reeditado e divulgado em profusão.

Dos seus escritos em português, recomendaria a tradução de algum como imprescindível?

Ter-se-ia de fazer uma seleção criteriosa, que incluiria sem dúvida o livro *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*. Mas há muito mais. Alguns estudos foram já publicados em inglês, todavia editados apenas em Portugal e, por isso, com circulação restrita. Outros trabalhos são demasiado técnicos para conseguirem a atenção de uma editora estrangeira. Haveria que se pensar esse projeto em termos de uma edição destinada a leitores na área da história da ciência. Creio mesmo que um projeto dessa natureza teria de envolver uma equipa. E não duvido de que não seria difícil encontrar hoje editoras anglo-americanas interessadas. Eu próprio co-dirijo uma série lusófona numa editora inglesa e apostaria na edição de um volume desses. Mas pode-se – e deve-se, acho – ir muito mais longe.

Os autores escrevem segundo o antigo acordo, mas aceitam as linhas editoriais da revista.

SOBRE A AUTORA

Natália Bebiano é Professora Catedrática do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra.